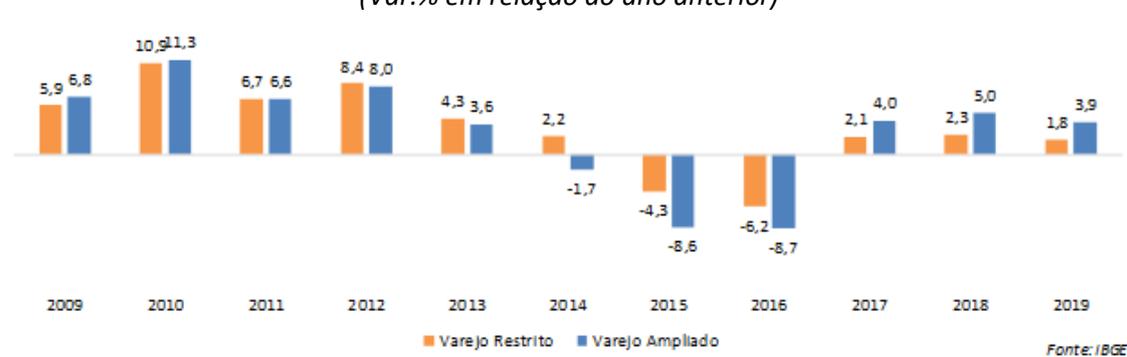


IMPULSIONADO PELO AVANÇO RECORDE DO CRÉDITO ÀS FAMÍLIAS E INFLAÇÃO SOB CONTROLE, VAREJO CRESCE PELO TERCEIRO ANO SEGUIDO

Com juros no piso histórico e perspectiva de crescimento maior da economia neste ano, a expectativa da CNC é que haja avanços de 3,5% no varejo restrito e de 5,3% no ampliado. Setor deverá superar plenamente a crise somente no início de 2021.

O volume de vendas do varejo acumulou alta de 1,8% em 2019, segundo a Pesquisa Mensal de Comércio (PMC) divulgada hoje (12/02) pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Este foi o terceiro resultado anual positivo do setor após as perdas significativas decorrentes da recessão encerrada em 2017. No conceito ampliado – que inclui as vendas de materiais de construção e o comércio automotivo – houve alta também pela terceira vez seguida (+3,9% em relação a 2018).

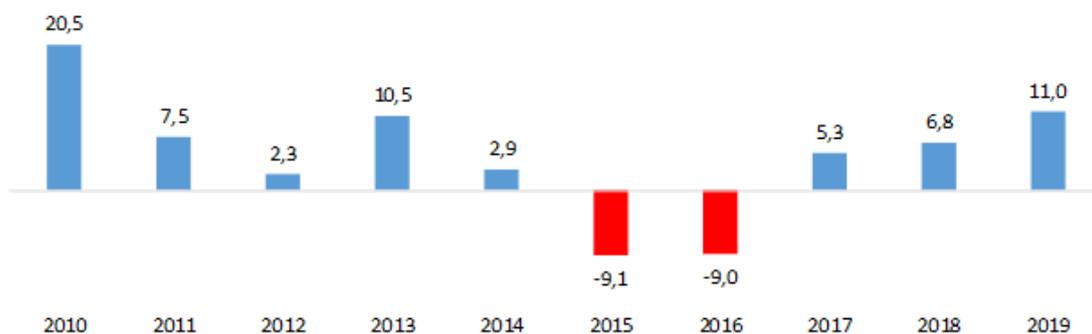
QUADRO I
VOLUME DE VENDAS DO VAREJO
(Var.% em relação ao ano anterior)



Dentre os dez segmentos avaliados, destacaram-se positivamente o comércio automotivo (+10,0%), as farmácias, perfumarias e cosméticos (+6,8%) e as lojas de utilidades domésticas (+6,0%). As vendas reais dos ramos de móveis e eletrodomésticos (+3,6%) e de materiais de construção (+4,3%) com ritmos de expansão acima da média também ajudaram a impulsionar as vendas no ano passado. O destaque negativo ficou por conta do segmento de livrarias e papelarias que, ao sofrer retração de 20,7%, registrou seu pior resultado anual na série histórica iniciada há 16 anos.

Claramente, a predominância dos segmentos mais demandantes do crédito como indutor do consumo decorreu da maior expansão de crédito dos últimos oito anos. Descontada a inflação, a concessão de recursos livres às famílias registrou avanço de 11% no ano passado – maior taxa desde 2010 (+20,5%) quando a economia cresceu 7,5% e o volume de vendas do varejo ampliado aumentou 11,3%.

QUADRO II
CONCESSÃO REAL DE CRÉDITO LIVRE ÀS PESSOAS FÍSICAS
(Var.% em relação ao ano anterior)



Fontes: BC e CNC

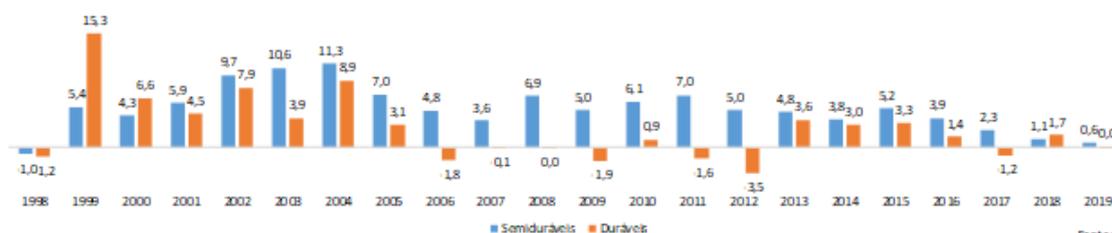
No plano regional, a difusão na recuperação do varejo se fez presente através do aumento de vendas em 24 das 27 unidades da Federação. Os destaques regionais positivos ficaram por conta das taxas observadas nos Estados do Amapá (+21,5%), Santa Catarina (+10,0%) e Tocantins (+7,1). A região Nordeste (+1,3%) abrigou as três unidades da Federação que acusaram retrações, a saber: Piauí (-3,5%), Sergipe (-1,0%) e Paraíba (-0,7%).

Para o varejo, os primeiros efeitos da recessão econômica tiveram início em 2014. Naquele ano, o volume de vendas do varejo ampliado encolheu 1,7% em relação a 2013. Nos dois anos seguintes, o quadro se agravou com o comércio apurando perdas reais de faturamento de 8,6% e 8,7%, respectivamente. Desse modo, entre 2014 e 2016, o volume de vendas do varejo acumulou retração de 20% em termos de volumes de vendas.

Como consequência da recessão, o setor perdeu mais de 350 mil postos formais de trabalho em 2015 e 2016 e 222,7 mil estabelecimentos comerciais com vínculos empregatícios entre 2015 e 2017. Entretanto, já naquele último ano o varejo começou a emitir sinais de reação com as vendas oscilando +4,0% e +5,0% em 2018.

Por trás dos resultados positivos de 2019, há ainda a contribuição positiva do comportamento da inflação. No acumulado do ano passado, os preços dos bens de consumo duráveis se mantiveram estáveis em relação a 2018, ao passo que bens semiduráveis registraram a menor taxa de inflação anual (+0,6%) desde 1998 (-1,0%).

QUADRO III
INFLAÇÃO ANUAL DE BENS DE CONSUMO DURÁVEIS E NÃO-DURÁVEIS
(Var.% em relação ao ano anterior)



Fonte: BC

Apesar dos resultados anuais positivos, a PMC confirmou o comportamento decepcionante do fim de 2019. Na passagem de novembro para dezembro, as vendas recuaram 0,1% (-0,8% no varejo ampliado), evidenciando, assim, o reflexo negativo da inflação atípica ocorrida no último mês do ano passado (+1,15%).

Pressionado pela alta nos preços da carne, o volume de vendas nos hiper e supermercados cedeu 1,2%, registrando seu pior desempenho para meses de dezembro desde 2016 (-2,0%). À exceção de livrarias e papelarias (+11,6%) e móveis e eletrodomésticos (+3,4%), todos os ramos pesquisados fecharam dezembro no negativo – algo que não ocorria desde setembro de 2018.

A evolução real das vendas confirmou, portanto, a continuidade do processo de recuperação do varejo no ano passado, tendência também confirmada pela recuperação do emprego formal no setor, no ano passado (+111 mil vagas). Apesar da reação do consumo nos últimos anos, o atual volume de vendas do varejo ainda se encontra 6,5% abaixo daquele registrado às vésperas da recessão em novembro de 2014.

Para 2020, dados o peso do consumo das famílias no PIB e a perspectiva de um maior ritmo de atividade econômica, as vendas deverão manter a atual tendência de alta. Somados a esses fatores o ambiente de inflação ainda baixa e a expectativa de que a taxa básica de juros seja mantida no piso histórico, a Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC) projeta alta de 5,3% no volume de vendas do varejo ampliado e de 3,5% no conceito restrito.